

A Terra Como Acontecimento

Romy Castro

Pintora, ensaísta, CECL/FCSH-UNL-Portugal

romycastro@hotmail.com

Resumo: Depois de termos apreendido várias perspetivas extensionais de Terra/Espaço, e de termos capturado diferentes matérias da Terra, que se aprofundaram e se disseminaram no nosso projeto artístico pessoal, designado “A Terra Como Acontecimento”, construído nas dimensões de pintura, instalação, fotografia e filme, parte-se agora para uma continuidade do discurso metodológico, aquela que aproxima a picturalidade de conotações ontológicas com o espaço e com a matéria, determinando assim, a criação de novas fronteiras-limite, isto é, determinando um encontro de desterritorialização entre geografia, topologia e filosofia. Conceitos espaciais particularmente significativos para a reflexão sobre as artes contemporâneas em geral e sobre a nossa arte em específico; como forma de articular os limites espaciais com que a arte se confronta, especialmente esta arte com matérias da Terra, e como forma de balizar conceitualmente a distribuição das imagens do pensamento no espaço, para estabelecer o seu desenho e o inscrever posteriormente numa análoga articulação, a que apreende potencialmente a espacialidade dentro de outra reflexão, a geofilosófica, permitindo deste modo que a ideia de substância de mundo se torne no fio condutor para a inscrição destas noções no nosso ensaio.

Palavras-chave: Terra; espaço; matéria; pintura; geofilosofia.

Abstract: After having learned several extensional perspectives of Earth/Space, and of having captured different materials of the Earth, which have been deepened and diffused in our personal artistic project called “The Earth as an Event”, built in the painting, installation, photography and film dimensions, we set off to a continuity of the methodological discourse, the one that draws together the ontological connotations with the space and material, determining, thus, the creation of new boundaries, that is, determining an encounter with the desterritorialisation between geography, topology and philosophy. Special concepts particularly significant to the reflection about contemporary arts and about our art specifically; as a way to articulate the special boundaries with which art confronts itself, especially this art with materials of the Earth, and the way to conceptually limit the distribution of the images of the thought in space, to establish its drawing and inscribe itself afterwards in a similar articulation, the one that potentially apprehends the spatiality within other reflection, the geophilosophical one, thus allowing the idea of the substance of the world become the main theme to the inscription of these notions in our essay.

Key Words: Earth; space; material; painting; geophilosophy.

1 - Introdução

« A Terra é o elementar absoluto. »
(Bragança de Miranda, 2005: 16).

« O pensamento deverá abrir-se mais
aos espaços, às dimensões, aos territórios,
reconhecer a sua dimensão essencial de espaçamento
e não se limitar mais
a uma mediação sobre a sua história
e a história dos conceitos. »¹

A apreensão destes dois pensamentos singulares, que empreendemos para iniciar este ensaio, possibilita a tentativa de compreender não só a conferência das nossas cogitações, na medida em que os consideramos entendimentos centrais para o desenvolvimento do nosso estudo, como estabelece igualmente uma nova relação de conhecimento com a visualidade do espaço da Terra, e analogamente, entre o pensamento do ser que estuda este espaço e as operações efetuadas pelo próprio ser.

Se tivermos presente que o nosso projeto artístico, designado “A Terra como Acontecimento” foi realizado com as matérias² originárias da Terra, capturadas em singular de vários espaços territoriais e coletivamente do todo global, para em construção as inscrever em múltiplas formas artísticas, designadamente em pintura, instalação, fotografia e cinema, compreenderemos melhor esta ligação espacial que desenvolvemos com a Terra, com a radicalização das suas fronteiras-fenómenos transpostas para o género interventivo e simultaneamente com a via de reflexão que encetamos.

Partindo destas experiências que criamos com o espaço, procura-se agora, um conceito com outra amplitude de abertura, que sendo do domínio espacializante, nos transporte para um outro devir, o que advém reencontro, mas um reencontro de proximidade concetualizada, onde a presença desta espacialidade apreenda o saber da filosofia, na medida em que « [...] *a filosofia divide com a arte a sua preocupação pelas ideias em termos de lógica.* »³ Raciocínio que prepara o pensamento para o « [...] *o ponto singular em que o conceito e a criação se relacionam entre si* » (Deleuze/Guattari, 1992: 17). Um relacionamento particular, porque a criação ao ser pertença do conceito, chama para si o questionamento recente da geografia, como nos diz Deleuze. « *A geografia não é apenas física e humana, mas também mental, como a paisagem* » (Deleuze/Guattari, *op. cit.*: 86). E, sendo paisagem e intelectual, é potencialmente abertura para a totalidade do Cosmos, e por sua vez, para as forças da natureza como « pura potência de figurar, que dá a ver o horizonte onde aparece o visível. »⁴

¹ Antonioli (2003). « La pensée devra de plus en plus s'ouvrir aux espaces, aux dimensions, aux territoires, reconnaître sa dimension essentielle *d'espacement* et ne plus se limiter à une à une méditation sur son histoire et l'histoire des concepts. » p. 9-10

² As matérias da nossa investigação, com as quais trabalhamos, são especificamente, matérias brancas que enformam as matérias-luz e matérias negras que enformam as matérias-sombra.

³ Rothko (2004). « ... la philosophie partage avec l'art un même souci des idées en terme de logique. », p. 76.

⁴ Rogozinski (1988). « Pure puissance de figurer, qui donne à voir l'horizon où paraît le visible. », p. 181.

Um sentido perceptível que transforma manifestamente o nosso questionamento epistemológico, e duplamente; como noção do real, para o espaço que está integrado no conhecimento desta ciência, o que prepara as reflexões críticas da estética contemporânea, dado que já como imagem, a geografia estrategicamente responde a outro tipo de discurso a partir dos seus efeitos espacializantes, e como forma de registo visual de extensão. Ou seja, prepara a filosofia para receber uma nova ferramenta teórica, que lhe permite questionar-se sobre a dimensão, onde « *a filosofia é uma geo-filosofia, exatamente como a história é uma geo-história, [...]* » (Deleuze/Guattari, *op. cit.*: 85) e conjuntamente, como experiência de colaboração concetual, doa ao ser a capacidade de abertura, que nomeamos, ao mostrar-lhe os novos e múltiplos conceitos de territórios.⁵

Definições de mudança que estabelecem agora a primazia da geografia sobre a história, porque ao redefinir a filosofia deste modo, como devir, ela « [...] *é coexistência de planos, não é sucessão de sistemas* » (Deleuze/Guattari, *op. cit.*: 55). Exatamente a coexistência que nos interessa, porque ao ser inovadora transforma a colocação do pensamento na relação direta com o plano da Terra, compelindo a reflexão para “*a Linha de Terra*”⁶ e por sua vez para o território, onde « *a altura se traduz em distância e, vertical ou horizontal, orientada como quisermos, esta aqui resta o essencial.* »⁷ Muda do lugar a essência do paradigma histórico/político, que passa assim, paradigmaticamente, para um “geoestético” mas com uma extensionalidade para a vertical, quer dizer, para o campo da contemplação⁸ que ao ser conceito, se torna na ideia.⁹

Um pensamento desta natureza que comporta tais dimensões, e que reconhece a medida de espaçamento, é o que nos faculta o reencontro geofilosófico para a criação de novas categorias e para uma outra visão da Terra. Aquela cuja espacialização do solo e dos territórios vai movimentar o pensamento para criar novas linguagens, « *que não são nem propriamente filosóficas nem propriamente geográficas, até porem em evidência uma estranha proximidade entre o registo do espaço e aquele do conceito.* »¹⁰ Isto é, até mostrarem concetualmente o registo do nosso pensamento numa linguagem espacializante, a que abarca todos os novos conhecimentos territoriais em diálogos espaço/temporais como abertura para as recentes extensões exteriores de visibilidade.

2 – A viragem para a geofilosofia

« Trata-se antes de mais de criar um reencontro
ou uma desterritorialização

⁵ Antonioli (2003). « La notion même de « territoire » devient aujourd'hui problématique, puisque nous vivons tous au croisement de plusieurs territoires et de plusieurs temporalités. », p. 14

⁶ Serres (1993). « Ligne de Terre. », p. 123.

⁷ Idem, « La hauteur se traduit en distance, et, verticale ou horizontale, orientée comme on voudra, celle-ci reste l'essentiel. ».

⁸ Contemplação, palavra que deriva do latim, *Contemplatio*, sendo a tradução latina da palavra grega *theôria*, que designa em Platão a «visão» pela alma das «essências» inteligíveis. Uma ideia quase religiosa de uma iluminação ligada à contemplação do Bem. Duplo sentido para a Contemplação, advindo assim, uma espiritualidade greco-latina.

⁹ Explicitamos aqui a “ideia” no sentido de um confronto dialético, entre o pensamento e o real. Porque é neste confronto que as ideias entram em ação e se tornam em conhecimento.

¹⁰ Antonioli (2003). « ...et qui ne sont ni proprement philosophiques, ni proprement géographiques, jusqu'à mettre en lumière une étrange proximité entre le registre de l'espace et celui du concept. ». p. 13-14.

entre geografia, topologia e filosofia,
esforçar-se por pensar a presença de uma espacialidade
de uma extensão e de uma exterioridade,
de questões de limite,
de fronteira e de território
no seio mesmo do pensamento. »¹¹

« Pensar faz-se sobretudo
na relação do território com a terra. »
(Deleuze, G., Guattari, F., 1992 : 77).

À presença das extensões de visibilidade da Terra, que começamos por instaurar neste reencontro¹², acrescentamos agora um outro movimento de captura de pensares, o que apreende os conceitos espacializados da nossa nomeação.

*Este domínio de investigação não é novo, mas ele atingiu uma amplitude inédita dentro do pensamento contemporâneo, que viu aparecer os conceitos que pertencem ao registo do espaço (campo, território, terra, deslocamentos, regiões, fronteira, etc.).*¹³

Conceitos que transferem o exercício do pensar para o nosso objetivo; compreender a abertura “espacializante” que a linguagem da geografia delimita e renova e compreender o traçado das suas linhas, dos seus percursos e dos seus limites, e, principalmente, os recentes acontecimentos que ela afirma com a sua potência visual, e as suas analogias, que não cessam de aumentar e de nos surpreender quotidianamente, no encaminhamento para o entender da geofilosofia,¹⁴ que tem como ponto de partida, a criação dos reencontros nomeados.

Estes aparecem agora, com um retorno ao espaço, em cujo atravessamento se anuncia uma nova orientação de pensares, que nos reenviam para a reflexão lógica do discurso filosófico presente, revelando na sua transversalidade o lugar da produção do questionamento do reencontro.

Assim, ao meter em evidência outras linguagens, a geografia apreende a linguagem filosófica. « *A língua filosófica deve uma língua aglutinante.* »¹⁵ Torna-se acontecimento, para que quando o evento aconteça, a língua na sua originalidade, mostre e exteriorize o que,

¹¹ Antonioli (2003). « Il s’agit plutôt de créer une rencontre ou une déterritorialisation entre géographie, topologie et philosophie, de s’efforcer de penser la présence d’une spatialité, d’une extension et d’une extériorité, des questions de limite, de frontière et de territoire au sein même de la pensée. », p. 13.

¹² Deleuze & Parnet (1997). « Une rencontre, c’est peut-être la même chose qu’un devenir (...) mais aussi bien des mouvements, des idées, des événements des entités. », p. 13.

¹³ Antonioli (2003). « Ce domaine de recherche n’est pas nouveau, mais il a pris une ampleur inédite dans la pensée contemporaine qui a vu apparaître des concepts qui appartiennent au registre de l’espace (champ, territoire, terre, déplacement, région, frontière, etc.). », p. 13.

¹⁴ Deleuze & Guattari (1992). A primeira menção do termo “geofilosofia” foi encontrada no capítulo 4 de “Geofilosofia” deste livro, onde Deleuze/Guattari escrevem este singular pensamento. « A filosofia é uma geofilosofia, exatamente como a história é uma geo-história segundo o ponto de vista de Braudel. » Citação descrita anteriormente na introdução., p. 85.

¹⁵ Bachelard (1972). « La langue philosophique devient une langue agglutinante. », p. 92.

[...] existe dentro desta espacialização do pensamento e do pensar do espaço, [...] uma descontinuidade fenomenológica, de «efeito de bordo», fim de uma continuidade e a travessia de uma nova fronteira¹⁶.

Eventos renovados, que advindos da mudança, encaminham o confronto dos limites que estão em devir nestas múltiplas dimensões de traços de união, para fazer falar o espaço, mas em nome do pensamento, para que este se movimente em direção ao espaço, orientando o modo como a imagem¹⁷ se dá para a abertura exterior, pois só este abrir a pode fazer aparecer na sua exterioridade visível, tornando-a em acontecimento real, porque revela como ela é, na sua natureza de ser e na sua condição de figurar onticamente, adquirindo assim, o deslocamento espacial, o que move a estrutura topológica e os limites do seu horizonte, para que estes se tornem constitutivos também, do aparecimento ele mesmo.

No entanto, a nova linguagem destes eventos, implica distintos conceitos, matemática e combinatórias. « *Uma certa espacialização marca o estilo e os conceitos nascidos deste reencontro (...) a geografia das cartas, dos cálculos, da terra e dos territórios.* »¹⁸ Assim, « *a porta de entrada é agora a técnica, a combinatória, o conceito, a matemática,* » (Bragança de Miranda, 2008: 47), porque « *o conceito tem por única regra a vizinhança interna ou externa* » (Deleuze/Guattari, *op. cit.*: p. 81), de um devir, e « *o devir é sempre duplo, e é esse duplo devir que constitui* » (...) (Deleuze/ Guattari, *op. cit.*: 113), a criação de um reencontro para o cruzamento “da nova fronteira” entre a desterritorialização¹⁹ e as novas reterritorializações²⁰ geográficas. « *Estes dois termos evocam imediatamente a perspectiva «espacializante» e «espacializada» do pensamento,* »²¹ pondo em movimentação o pensar para apreender os limites/fronteiras dos territórios. Daí a necessidade de integrar um recente limite de exterioridade, para instaurar a espacialização de pensares e para criar outra ordem de cálculo de grandeza e de fluxos, porque é nesta dimensão do desconhecido que tudo se inicia e onde tudo se movimenta e se torna acontecimento, para a mostraçã das diferentes formulações que requerem vias de procura igualmente diferenciadas, para que estes eventos se reterritorializem numa renovada visão do mundo²².

¹⁶ Antonioli (2003). « ... il y a dans cette spatialisation de la pensée et pensée de l'espace, (...) une discontinuité phénoménologique, d'«effet de bord», fm d'une continuité et traversée d'une nouvelle fontière. », p. 8. Este pensamento remete por sua vez para o matemático René Thom, e posteriormente para Catherine Malabou, que assinala a dimensão filosófica deste conceito matemático, salientando também o pensar de Derrida e o problema da desterritorialização do espaço.

¹⁷ Bragança de Miranda (2008). « De facto, do ponto de vista da divisão originária que as imagens iniciam não há diferença essencial entre «natureza» e «consciência». Entre «interior» e «exterior», todos imersos num espaço único, que só a imagem pode abrir. », p. 30.

¹⁸ Antonioli (2003). « Une certaine spatialisation marque le style et les concepts nés decette rencontre (la géologie des plateaux, la botanique des rhizomes, la géographie des cartes, des calques, de la terre et des territoires). », p. 11.

¹⁹ Deleuze & Guattari (1992). « (...) a desterritorialização (do território para a terra). », p. 77.

²⁰ Idem « (...) a reterritorialização (da terra para o território). »

²¹ Antonioli (2003). « Ces deux termes évoquent immédiatement la perspective « spatialisante » et « spatialisée » de la pensée... », p. 8.

²² Haar (1985). « Par « monde » il faut entendre non pas la totalité objective, ontique, des phénomènes accessibles à l'observation scientifique, mais l'ensemble des relations non objective possibles avec les choses disponible, d'usages courants, qui nos entourent. Le monde est l'horizon de compréhension non thématique, non théorique, mais pratique, quotidien, des étants disponibles a quelque usage. Il se découvre comme un réseau des signes, de signification et des renvois, qui fonde les sens de la « réalité ». » « Por «mundo» entenda-se não a totalidade objetiva, ôntica, de fenómenos acessíveis à observação científica, mas o conjunto de relações não objetivas possíveis com as coisas disponíveis, de uso corrente que nos circundam. O mundo é o horizonte de

É este “horizonte de compreensão”, disponível ao nosso entendimento, que transformou o desempenho de experimentação, ao permitir ao pensamento novas instalações.

*O pensamento instala-se assim, fora da consciência, dentro de um mundo de conjunções e de reencontros a cada vez singular e imprevisível, e o de fora instala-se dentro do pensamento através da exterioridade dos espaços e dos lugares*²³.

Instaurações que iluminaram o próprio pensamento. Além de lhe conferir imagens com distintas expressões de abertura espacial que agilizaram outras possibilidades de visualização, também impulsionaram a confrontação de ponderações filosóficas para as atividades de pesquisas, que apontaram ainda, como manifestação, para dimensões diferenciadas de devires,²⁴ de “devires-presentes” que são os nossos e « *são os da geografia, são os das orientações, das direções, das entradas e das saídas.* »²⁵ Todos os elementos fundamentais que direcionam em si mesmo a experimentação de um território, o ensaio da relação intensa do território com a Terra e o ensaio da relação singular do pensamento com a geografia, mas como devir, porque é a imagem que devém, a da mudança, como referenciou Deleuze/Guattari, a geografia é também mental como a paisagem, e sendo desenho, é o meio, o que a torna fenomenologicamente²⁶ num devir potencial de “aparecer”, mas num devir instalado, porque ela estabelece um lugar e « *ela afirma a potência dos meios, dos ambientes, dos territórios, das fronteiras, das partilhas.* »²⁷

Noções essenciais para a compreensão desta abertura de um novo tempo global,²⁸ que advindo das diversas dimensões, que se correlacionam entre si e se assinalam como um todo globalizante, permitem que a imagem se inscreva na formação do nosso pensamento e na arte; como representação de origem sensível, e como imagem inteligível, porquanto ela « *é a imagem do saber - como lugar de verdade.* »²⁹ Conjuntamente aponta e incorpora/enforma os grãos e as grandezas elementares que constituem as matérias da Terra, as que metodologicamente vão estruturar o nosso conhecimento para as construções desta pesquisa, como forma e como evocação.

Sistema espacial que se situa agora, concetualmente, com uma outra ordem de coexistência diferenciada, concebendo numérica e matematicamente outras extensões

compreensão não temática, não teórica, mas prática, quotidiana, dos seres pensantes disponíveis a qualquer uso. Ele se descobre como um conjunto de signos, de significações e de reenvios, que funda o sentido da «realidade». », p. 34.

²³ Antonioli (2003). « La pensée s'installe ainsi en dehors de la conscience, dans un monde de conjonctions et de rencontres à chaque fois singulières et imprévisibles, et le dehors s'installe dans la pensée à travers l'extériorité des espaces et des lieux. », p. 16.

²⁴ Deleuze & Parnet (1997). « Les devenirs, c'est le plus imperceptible, ce sont des actes qui ne peuvent être contenus que dans une vie et exprimés dans un style. », p. 9.

²⁵ Idem « Les devenirs, c'est de la géographie, ce sont des orientations, des directions, des entrées et des sorties. », p. 8.

²⁶ Bachelard (1972). « Seule la phénoménologie (...) peut nous aider à restituer la subjectivité des images et à mesurer l'ampleur, la force, le sens de la transsubjectivité de l'image. » Só a fenomenologia (...) nos pode ajudar a restituir a subjectividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transsubjectividade da imagem., p. 3.

²⁷ Antonioli (2003). « ... elle affirme la puissance des milieux, des ambiances, des territoires, des frontières, des partages. », p. 9.

²⁸ Serres (1993). « Ne se décide d'origine qu'à l'ouverture d'un nouveau temps global. », p. 101.

²⁹ Deleuze & Parnet. « ... c'est l'image du savoir - comme lieu de vérité, ... », p. 32.

espaciais, as da geometria, que advém em última instância, um método de representação do espaço, definido como um puro sistema de relações abstratas³⁰, não pela sua existência, « ... mas porque a sua língua e o pensamento que ela suscita não se referem, nem pelo sentido, nem pelo tempo, a nenhuma terra conhecida... »³¹

*Inquietante singularidade: ela remontará portanto a uma origem, princípio ou começo, (...). Que mede a geometria? (...). Uma terra sem traça nem marca, (...), a geometria escreve uma língua universal que não grava nem traça nenhuma marca sobre nenhum suporte, uma vez que nenhuma figura se mostra sobre ela nem se faz corresponder àquela que em verdade ela mede e demonstra.*³²

Conceitualmente comprovada a abstração pura desta língua universal que a geometria escreve, para medir uma Terra estranha, um não – lugar, sem traça nem marca, o pensamento apreende-a como um paradigma novo, « reconduzido às origens: não no ponto da origem lógica ou histórica, mas às condições fundamentais da constituição das formas do espaço. »³³ Quer dizer, onde a « geometria descobre uma nova pureza (...). Ela inverte de novo a nossa visão da origem fazendo do milagre um escândalo. »³⁴

Redefine o conceito de lugar e acrescenta outras orientações para o espaço das estruturas topológicas, para o “*topos*”, como uma noção de lugar que se configura no espaço “*Khóra*”, para operar assim, configuradamente como topologia.

*A topologia impõe o esquecimento da tradição e a recordação de uma constituição espacial recoberta pelo equívoco do milagre grego, suspende a linguagem tradicional como ambígua e pratica a divisão liminar da pureza não métrica e da medida.*³⁵

Relações que se estabelecem mediante uma posição axiológica, um cálculo e uma linguagem do espaço, a que contém a qualidade sensível, a geográfica, que ao ter capacidade para formar topologias, fragmenta, divide e multiplica as extensões e as exterioridades não compassadas, originando outra ordem do lugar, a que faculta uma diferente abordagem de encontro, de reencontro e de advento nas dimensões conceituais e relacionais da Terra, com o território e com o espaço e com o espaço do pensamento.

³⁰ Quer dizer, como uma forma de existência sobre a qual nós podemos agir, para considerar as diferentes componentes qualitativamente, e como conhecimento, para qualificar a nova forma de representação espacial.

³¹ Serres (1993). « Or la géométrie ne peut se dire grecque, égyptienne, babylonienne, chinoise ni hindoue... non point parce qu'elle ne naquit pas ici ou là, en tel ou tel mois, mais parce que sa langue et les pensées qu'elle suscite ne se réfèrent, ni pour le sens ni pour le temps, à aucune terre connue, d'Orient ni d'Occident, nordique ou sudiste. », p. 13.

³² Idem, « Inquietante étrangeté : elle remonterait donc à une origine, source ou début, (...) Que mesure la géométrie ? (...) Une terre sans trace ni marque, (...) la géométrie écrit une langue universelle qui ne grave ni ne trace aucune marque sur aucun support, puisque nulle figure sur lui montrée ne saurait correspondre à celle qu'en vérité elle mesure et démontre. »

³³ Serres (1993). « Nous voilà reconduits aux origines : nom point à l'origine logique ou historique, mais aux conditions fondamentales de la constitution des formes de l'espace. », p. 21.

³⁴ Idem « ...la géométrie découvre une nouvelle pureté (...). Elle inverte à nouveau notre vision de l'origine en faisant du miracle un scandale. »

³⁵ Idem « La topologie impose l'oubli de la tradition et le souvenir d'une constitution spatiale recouverte par l'équivoque du miracle grec, suspend le langage traditionnel comme ambigu et pratique la dissociation liminaire de la pureté nom métrique et de la mesure. »

Desta forma, a topologia torna-se o reencontro de vários campos disciplinares, agarrando a geometria, a matemática, a filosofia, constituindo assim, conjuntos de devires para as múltiplas dimensões da linguagem do espaço, como potência primeira e como ensinamento. Todos os modos de expressão são possíveis, porque evidenciam o aparecimento da mudança de lugar, que passa para o termo “extensão”. Aqui, os lugares do pensamento eclodem e apreendem esta dimensão, como o momento da passagem da principal descoberta, a saída como abertura para a superfície da construção, porque ao ser uma singularidade, vai-se tornar no verdadeiro acontecimento transcendental, ao revelar os traços originais da nomeação para serem edificados.

Medida que reclama de imediato as perspetivas “espacializantes” que sendo da mesma ordem do pensamento, põem « [...] *diretamente o pensamento em relação com a terra* » (Deleuze/Guattari, *op. cit.*: p. 77), que exige um solo para o seu pensamento, como Husserl o havia feito e Kant também, ao instalar o pensamento na relação direta com a Terra, como conceito. « *O conceito não é objeto, mas território. Não tem Objeto, tem um território* » (Deleuze/Guattari, *op. cit.*: p. 90). É nesta condição, que o conceito como modelo, cria o lugar de devir para o pensamento. « *O pensamento é antes de mais um ato de criação e o lugar de um devir.* »³⁶ Muda paradigmaticamente a obra, para que o paradigma percecione o novo conceito de território/Terra, como abertura de elevação filosófica da categoria destes espaços, “dentro” de um outro espaço, o da dimensão geográfica do universo, o que devem horizonte visual da Terra.

3 – Uma nova materialidade

« O momento planetário torna-se assim decisivo. »
(Castro, 2011/2015: 50).

« A Terra só se vê no particular
e nunca em geral,
e quando se vê o particular
é no quadro de um determinado espaço,
historicamente construído,
e não noutro. »
(Bragança de Miranda, 2005: 25).

Esta visibilidade do particular do espaço da Terra, enquanto planeta, é uma categoria que aparece no meio do século XX, principalmente com a entrada espacial da sua imagem, como materialização visível do conceito de espaço no pensamento, ultrapassando o conceito de tempo, advindo do século XIX, adquirindo este momento planetário, na contemporaneidade, uma dimensão sem precedentes para o fenómeno da globalização. Também, « *à multiplicação das temporalidades coexistentes às quais assistimos hoje, temos que ajustar a multiplicação dos espaços.* »³⁷ Extensões que põem em evidência o conceito de espaço, que ao ser uma categoria emergente, apreende a desconhecida proximidade entre o seu registo e o registo do

³⁶ Antonioli (2003). « La pensée est avant tout un acte de création et le lieu d'un devenir. », p. 22. Pensamento que nos remete para Gilles Deleuze. (1968), p. 16.

³⁷ Antonioli (2003). « À la multiplication des temporalités coexistantes à laquelle on assiste aujourd'hui, il faut ajouter la multiplication des espaces. », p. 14.

tempo, para que ambos os conceitos espaço-temporais advenham critérios ônticos de entendimento, arrastando para a sua interpretação o conceito de geografia, para que este se torne no modelo de pesquisa, dentro das investigações filosóficas.

Deste modo, a Terra³⁸ « *que esta no princípio de tudo e que se tornou na questão fundamental dos nossos tempos* » (Bragança de Miranda, 2005: 12), é decisiva para compreender, não só, a relação que o pensamento estabeleceu com a sua forma, ou melhor, que a filosofia estabeleceu com a sua materialização espacial, no que concerne ao entendimento para uma geofilosofia, mas analogamente de que modo esta conexão matérico/perspética/espacial se concetualiza, tendo como pressupostos a arte, a manifestação filosófica e artística, e como revelação, a nossa linha de pensamento, que se nomeia no diálogo com o espaço material da Terra. Qualifica o diálogo com as matérias de origem capturadas da própria Terra - as nossas formas de apropriação, que advindas de diferentes territórios mapeados, dão a ver a nova materialidade dos elementos destes lugares, porque « *nos nossos dias a forma principal da percepção do espaço será o lugar: das relações de vizinhança entre pontos ou elementos.* »³⁹ Condições que ajudam a atravessar este novo território do pensamento, para ver a espacialização materializada da Terra e dos territórios e conjuntamente a sua abertura para o lugar da ligação, o que apresenta a “linguagem do espaço” para a procura precisa e no rigor descobrir a pureza de uma matéria originária - a matéria do nosso conhecimento. Ciência que define a interação da pesquisa, na medida em que esta se situa, geográfica e esteticamente, delimitada em matérias enformadas por duas dimensões de pigmentações/cores,⁴⁰ as que extensionalmente encorpam propriedades muito peculiares, as qualidades de proximidade, as que constituem os nossos critérios de afeção da luz-cor; os tons brancos - claridade e os tons pretos - escuridão.⁴¹ Os tons fundamentais para a relação que estabelecemos com a visão tridimensional/perspética dos comprimentos de onda do claro e do escuro e com a consubstanciação das matérias-luz e das matérias-sombra,⁴² para as suas encarnações matéricas e lumínicas. Grandezas que incarnam qualitativamente a visibilidade da estruturação pictórica das próprias obras; como forma de balizar concetualmente a distribuição das imagens do pensamento no espaço do horizonte visual da Terra e como forma de estabelecer o seu desenho/matéria para a picturalidade do corpo físico.

Dimensões essenciais das matérias que edificam concetualmente a exterioridade multidimensional das imagens “espacializantes”, as que originam geofilosoficamente o inovado espaço deste horizonte visual, destacando as potências pictóricas, como meio, e os ambientes de fronteiras/fenómenos em território/limites, para em particular, apresentarem não meramente os espaços, “historicamente construídos”, « *mas histórias singulares que*

³⁸ Deleuze & Guattari (1992). « A terra não da é um elemento entre os outros, reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas serve-se de um ou de outro para desterritorializar o território. Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem para algures e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que volta a dar territórios. », p. 77.

³⁹ Antonioli (2003).. « Mais de nos jours la forme principale de la perception de l'espace serait l'emplacement: des relations des voisinage entre points ou élément. », p. 13.

⁴⁰ Deleuze & Guattari (1992). « O gosto pelas cores é simultaneamente testemunha do respeito necessário à sua abordagem, da longa espera por que é preciso passar, mas também da criação sem limites que as faz existir. », p. 61.

⁴¹ Gil (2000). « É inegável que sentimos qualidade - o branco [ou o preto], e que as nossas afeções constituem critérios infalíveis.(...). Em consequência, declarar-se-á que o real autêntico reside ou não nas próprias afeções ou nas coisas que as produzem. », p. 33.

⁴² Wittgenstein (1977). Segundo Wittgenstein as várias “cores” não têm todas a mesma relação com a visão tridimensional. Essa conexão deve ser entre a tridimensionalidade, a luz e a sombra, p. 87.

recontam os devires múltiplos dos conceitos filosóficos. »⁴³ Conceitos esses, que estando sempre em movimento e em intermitências, exibem à visão, a fragmentária e descontinuada visibilidade que o real das matérias da Terra encerra. As obras mostram em coexistência espacial uma nova materialidade, a que acrescenta força ao visível da imagem para a sua apresentação. « *É que o real é a matéria e as suas imagens* » (Bragança de Miranda, *op. cit.*: 34). Ou seja, exibem a potência da matéria, ela mesma materializada como imagem, para na sua essência de mostra, ser *vanitas*.

Representações experienciadas do triplo reencontro, entre geografia, topologia e filosofia, fazendo nascer da desterritorialização das matérias originais, agora reterritorializadas nas pinturas, a presença desta nova materialidade e a de uma diferente espacialização, a que se dá-a-ver ao mundo e se denomina “A Terra como Acontecimento”, estabelecendo materialmente, a relação de singularidade que é constitutiva da capacidade de abertura do pensamento ao espaço, onde o pensar se entranhou na relação dos ensinamentos, de Deleuze/Guattari, quando os pensadores nos indicam que “pensar faz-se sobretudo na relação do território com a Terra.”

*A Terra como Acontecimento” marca assim uma triple projeção daquilo que ela quer enunciar: apontar para os princípios, apontar para os nossos princípios, fazer-nos apontar para os princípios, enquanto nos dispusermos a teorizar sobre a terra e o acontecimento, pois todo o acontecimento marca sempre um princípio.*⁴⁴

E o princípio fundamental deste enunciação é o espaço da Terra, que se reencontra no “meio” no “devir-presente”⁴⁵ mesmo do pensamento. Pensamos as matérias⁴⁶ que o espaço dos territórios contém, como princípio análogo do movimento do pensar - refletindo sobre a sua substância, sobre a sua natureza material, relacionando-as, para *apontar para os princípios* e para *apontar para os nossos princípios*, construímos a picturalidade das obras, a partir da relação das matérias extraídas desses domínios espaciais, segundo princípios técnicos próprios de saber, os que conduzem a pesquisa para as novas tecnologias da descoberta, para a nossa *techné*,⁴⁷ o fabricar que só a nós pertence, para *fazer-nos apontar para os princípios* como singularidade de construção das obras, para que elas, como arte, apontem para *um princípio*, como acontecimento, o Acontecimento propriamente dito. O que enforma picturalmente o corpo e dá as matérias à pintura, para na sua verdadeira expressão retratar ontologicamente a mudança do nosso pensamento, porque advém como devir-

⁴³ Antonioli (2003). « [...] mais d'histoires singulières qui racontent les devenirs multiples des concepts philosophiques. », p. 10.

⁴⁴ Pinto (2012). *A Terra como Acontecimento*. Conferência na inauguração da exposição de Pintura e Filme de Romy Castro, *A Terra como Acontecimento*, nº de ps. 19, Laboratório da Paisagem, no âmbito de Guimarães Capital Europeia da Cultura. Guimarães, Instituto de Design de Guimarães. P. 2.

⁴⁵ Deleuze & Parnet (1997). « Avenir et passé n'ont pas beaucoup de sens, ce qui compte, c'est le devenir-présent. La géographie et pas l'histoire, le milieu et pas le début ni la fin, l'herbe qui est au milieu et que pousse par le milieu, et pas les arbres qui ont un fût et des racines. », p. 31.

⁴⁶ As matérias referenciadas são as seguintes: feldspatos, carvões fósseis, piras e pirites, cristais brancos, terras negras, etc.

⁴⁷ Payot (1988). « *Techné* veut ainsi dire : savoir (*Wissen*) ... le savoir qu'est la *techné* est un »pouvoir-mettre-en-oeuvre...et en ce sens la *techné* est bien aussi ce qui autorise et conduit une production, un *Dichten* ou un *Bilden*, une *poïesis* ou une figuration. », p. 28.

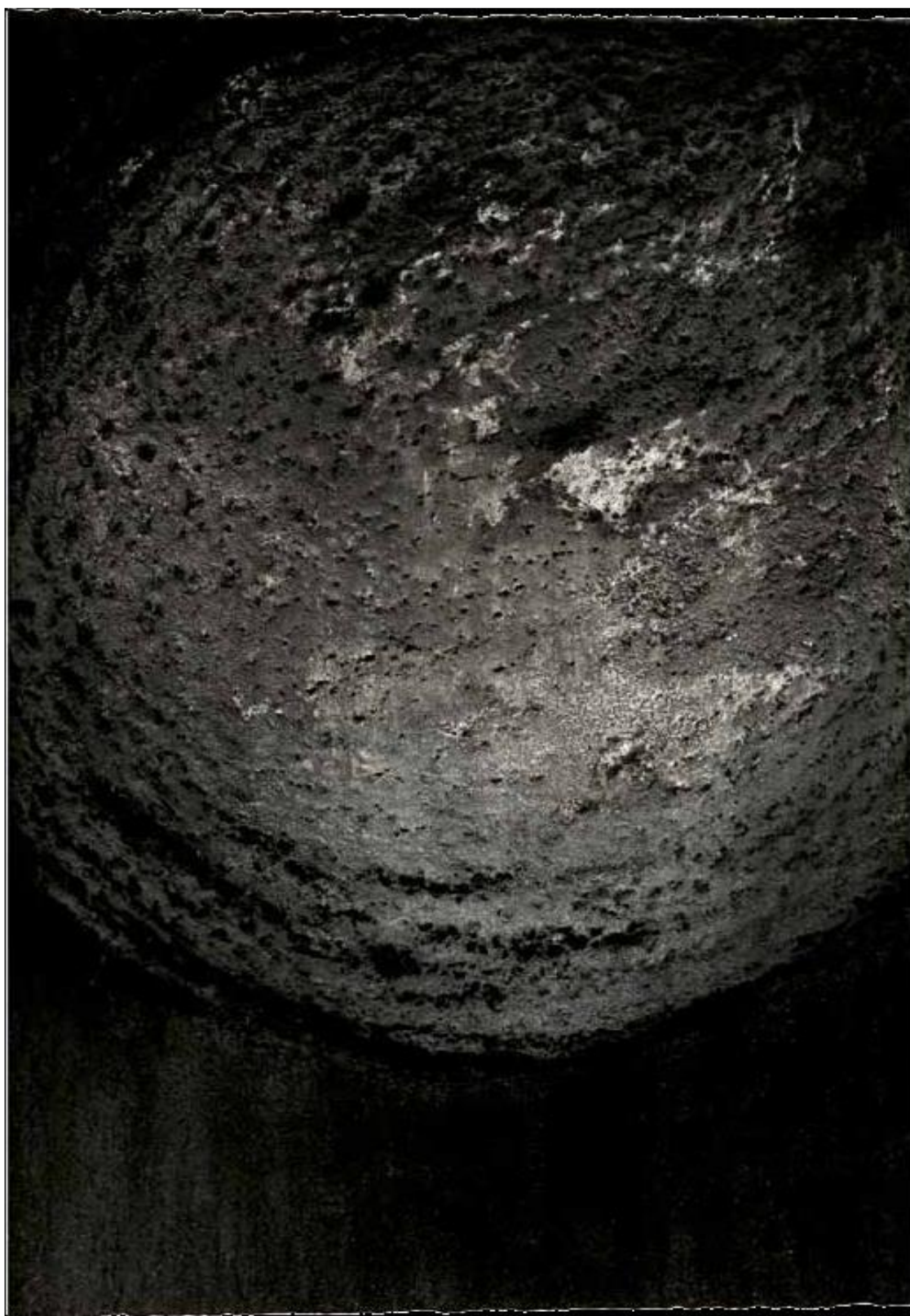
revolucionário.⁴⁸ O devir do reencontro, do acto de criação. O acto que movimentou metodologicamente a longa caminhada do pensar para a “experimentação sobre nós mesmos,”⁴⁹ a que acontece no exercício do pensamento, para que “*A Terra como Acontecimento*” se transforme na nossa linguagem interior e exterior, ao permitir a articulação de múltiplas dimensões, dando capacidade de expressão ao pensamento; dentro da ordem do discurso linguístico/teórico, ao submeter a imagem para ser descrita e, dentro da ordem do discurso técnico/científico, ao submeter as imagens/pinturas, para outros devires, os que devêm aqui visualmente referenciados nos quadros, 1, 2 e 3 deste ensaio.



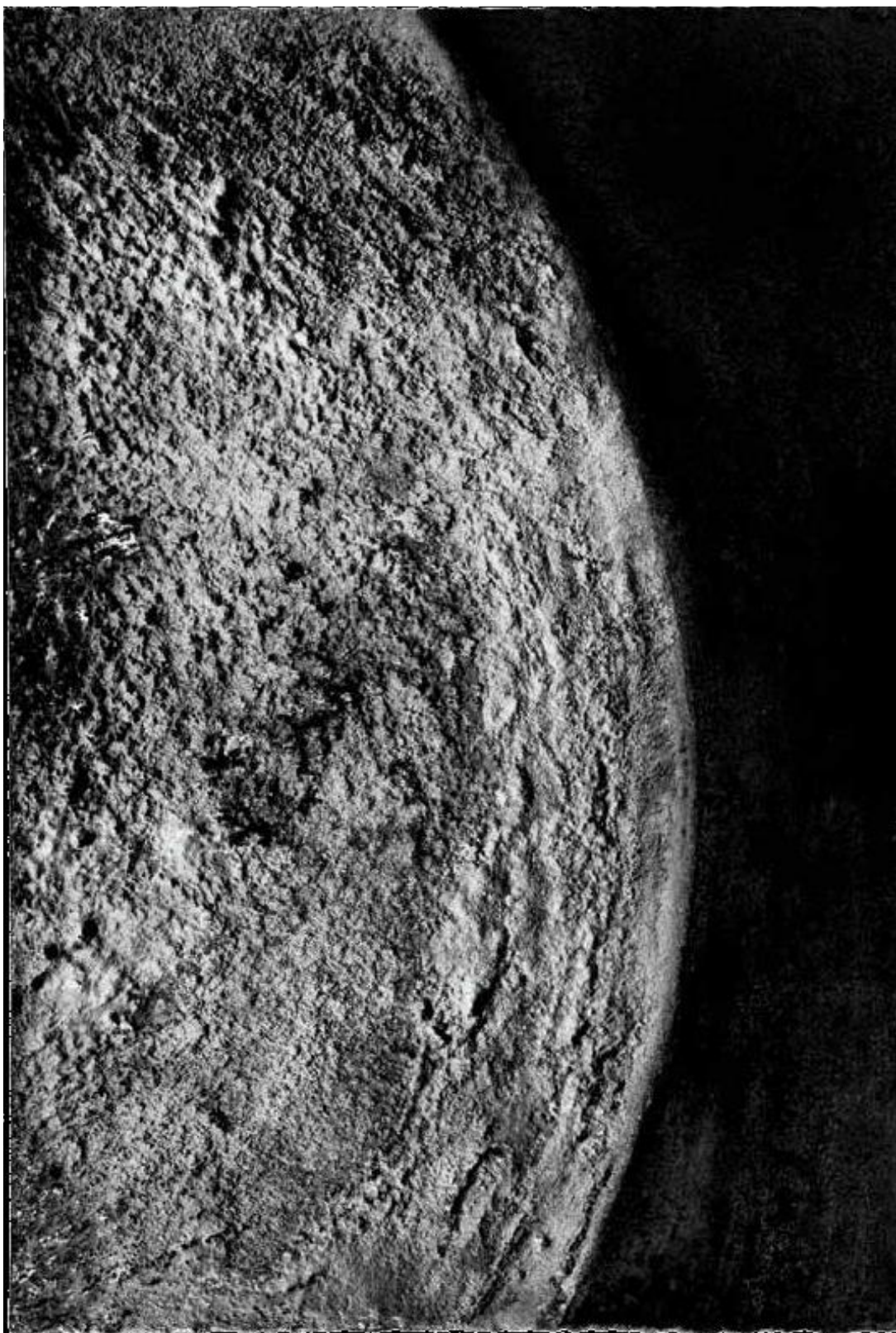
Quadro 1-: Matérias-luz e matérias-sombra, sobre papel feito à mão de Romy Castro, 2012.

⁴⁸ Deleuze & Parnet (1997). « Il y a un devenir-révolutionnaire qui n'est pas la même chose que l'avenir de la révolution, et qui ne passe pas forcément par les militants. (...) Devenir, ce n'est jamais imiter, ni faire comme, ni se conformer à un modèle, fût-il de justice ou de vérité. », p. 8.

⁴⁹ Idem, « ... l'expérimentation sur soi-même, est notre seule identité, notre chance unique pour toutes les combinaisons qui nous habitent. », p. 18.



Quadro 2-: Matérias-luz e matérias-sombra, sobre papel feito à mão de Romy Castro, 2012.



Quadro 3 - Matérias-luz e matérias-sombra, sobre papel feito à mão de Romy Castro, 2012.

Referências bibliográficas

- Antonioli, M. (2003). *Géophilosophie de Deleuze et Guattari*. Ouverture Philosophique. Collection dirigée par Bruno Péquignot et Dominique Chateau. Paris, (Q) L'Harmattan.
- Bachelard, G. (1972). *La poétique de l'espace*. Paris, PrUF.
- Bragança de Miranda, J. A. (2005). *Geografias – Imaginário e controlo da Terra*. Bragança de Miranda (Diretor). Espaços. Revista de Comunicação e Linguagem da Universidade Nova de Lisboa, nº de p. 30. Lisboa, CECLE/UNL.
- Bragança de Miranda, J. A. (2008). *Corpo e Imagem*. Lisboa, Nova Veja Limitada. 1ª Edição.
- Castro, R. (2011/2015). *Diário de Um Pensamento e a sua Curvatura*. Lisboa, Edição de Romy Castro.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia?* Tradução Margarida Barahona e António Guerreiro. Lisboa, Edição Presença.
- Deleuze, G. Parnet, C. (1997). *Dialogues*. Paris: Flammarion.
- Gil, F. (2000). *Representar*. Ruggiero Romano (Diretor). *Conhecimento. Enciclopédia Einaudi, Volume 41*, nº de ps. 55. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Haar, M. (1985). *Le Chante de la Terre, Heidegger et les Assises de L'Histoire de L'Être*. Paris, Édition de l'Herne.
- Wittgenstein, L. (1977). *Anotações sobre as cores. Edição Bilingue*, Trad. Filipe Nogueira e Mário João Pereira. Lisboa, Edições 70.
- Payot, D. (1988). *La statue de Heidegger. Art, vérté, souveranité*. Paris, Circé.
- Rogozinski, J. (1988). *Du Sublime, L'extrême Contemporain*. Collection dirigée par Michel Deguy. Paris, Éditions Belin.
- Rothko, M. (2004). *La réalité de l'artiste*. Introduction de Christopher Rothko. Paris, Flammarion.
- Serres, M. (1993). *Les Origines de la Géométrie*. Paris, Flammarion.
- Pinto, J. G. (2012). *A Terra como Acontecimento. Ensaio*. Conferência na inauguração da exposição de Pintura e Filme de Romy Castro, *A Terra como Acontecimento*, nº de ps. 19, Laboratório da Paisagem, no âmbito de Guimarães Capital Europeia da Cultura. Guimarães, Instituto de Design de Guimarães.